

XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB 2013)
GT 1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

Comunicação Oral

DO PRESSUPOSTO RETÓRICO-FILOLOGICO DA FILOSOFIA DA ORGANIZAÇÃO DOS SABERES: DECURSO EPISTEMOLÓGICO E CENTRALIDADE DA LINGUAGEM

Gustavo Silva Saldanha – IBICT/UNIRIO

Resumo

Resultado do processo de doutoramento em Ciência da Informação, desenvolvido junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, em convênio com a Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o trabalho apresenta as principais considerações conclusivas do estudo que teve como objetivo geral compreender a filosofia da organização dos saberes. A proposta de investigação se concentrou na tentativa de estabelecer um modo de olhar o campo hoje predicado como “da informação” a partir da filosofia da linguagem. Sob o método filosófico “apresentação panorâmica”, de Ludwig Wittgenstein, buscou-se reconhecer o desenvolvimento histórico-conceitual da organização dos saberes a partir da construção paralela entre Retórica, Filologia e Bibliologia. Como conclusão central, reconheceu-se que a organização dos saberes se estabeleceu e ainda se desenvolve sob uma perspectiva retórico-filológica, hoje manifestada sob o discurso da Ciência da Informação.

Palavras-chave: Filosofia da organização dos saberes. Epistemologia da Ciência da Informação. Linguagem.

Abstract

Result of the Ph.D. in Information Science, developed in the Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, in partnership with the Universidade Federal do Rio de Janeiro, this paper presents the conclusions of the study oriented to understand the knowledge organization philosophy. The proposed research is focused on trying to establish a way of looking at the field today predicate as “information” from the philosophy of language. From the philosophical method “panoramic presentation”, of Ludwig Wittgenstein, the work recognizes the historical and conceptual development of the knowledge organization between Rhetoric, Philology and Bibliology. As central conclusion, the investigation defines that the knowledge organization is established and further develops under a rhetorical-philological view point, manifested today in the speech of Information Science.

Keywords: Knowledge Organization Philosophy. Information Science Epistemology. Language.

1 REFLEXÕES INICIAIS

O presente estudo é resultado do processo de doutoramento em Ciência da Informação, desenvolvido junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, em convênio com a Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no período de março de 2009 a agosto de 2012, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Nélide González de

Gómez. A pesquisa contou ainda com as contribuições ligadas à participação no grupo de pesquisa Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade em Ciência da Informação.

Esse estudo faz parte, ainda, do trajeto de desenvolvimento de um pensamento oriundo da dissertação de mestrado, intitulada “Viagem aos becos e travessas da tradição pragmática da Ciência da Informação: uma leitura em diálogo com Wittgenstein”, defendida em agosto de 2008, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG), sob a orientação da Profa. Dra. Maria Aparecida Moura. Como sequência objetiva deste trabalho, registra-se a aproximação das abordagens e a produção coletiva com Luciana de Souza Gracioso, resultando no trabalho “Ciência da Informação e Filosofia da Linguagem: do pragmatismo informacional à web pragmática”.

O exercício filosófico proposto nesse trabalho partiu dos seguintes passos: descrever a “gramática” da Ciência da Informação (CI) na linguagem; adotar um método filosófico, vinculado à reflexão sobre a linguagem, para a elaboração do exercício (neste caso, o método selecionado foi a “apresentação panorâmica”, retirado da prática filosófica de Ludwig Wittgenstein); identificar a Filosofia da Organização dos Saberes (OS) como o solo epistemológico empírico, sob o qual “corre” o discurso e as práticas da CI.

Esses movimentos permitiram o reconhecimento da Bibliologia, tecida entre Gabriel Peignot e Paul Otlet, como a epistemologia inaugural do campo atualmente predicado como “informacional”. Em termos de contextos temporais, o século XIX, foi identificado como ponto de equilíbrio. Retórica e Filologia se apresentaram como dois saberes fundacionais, duas margens por entre as quais é concebida e corre a vivência do campo científico como experiência intersubjetiva.

O exercício desenvolvido, acreditamos, permitiu reconhecer a linguagem como unidade de análise central da organização do saberes, e perceber a CI como uma ciência da linguagem, demonstrando não apenas sua experiência como uma disciplina que busca seus construtos teóricos das demais ciências sociais, mas também como produtora de conceitos e de ferramentas conceituais que transformaram as ciências da linguagem no âmbito das Humanidades.

2 DESCREVER A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA LINGUAGEM: SOBRE A ANÁLISE DOS CONCEITOS FUNDADORES DA ORGANIZAÇÃO DOS SABERES SOB O VIÉS FILOSÓFICO DA LINGUAGEM ORDINÁRIA

A tentativa, em diferentes momentos, de manipular termos de outrora com noções do presente para a confecção conceitual, não se apresentou como uma inventiva metafórica, de beleza estética – ainda que não negue sua mais sensível importância para o homem, para a ciência e, principalmente, para a CI. Sua preocupação, aqui, não foi estabelecer o “novo conceito”. Também não foi ofício, nesse trabalho, afirmar uma continuidade nos fundamentos que estabilizam cada fazer na OS, como ações que nada ganharam em alteração ao longo do tempo, por conta de um possível congelamento conceitual.

O desenho dos conceitos faz parte, em primeiro lugar, de um percurso metodológico oriundo do pensamento de Ludwig Wittgenstein. Esse percurso propõe a produção filosófica como um emaranhado de notas que se sobrepõem ao longo das horas extemporâneas de produção filosófica – como um diário de viagem que se revisita a cada amanhecer e nunca sai do tempo inabarcável do primeiro, único e vastíssimo dia. Aproximamos termos remotos e contemporâneos, demonstrando que a OS pode ser vista como uma epistemologia profunda, cuja experiência emana da linguagem, uma epistemologia compreendida como forma de vida, que reproduz permanentemente “gramáticas de gramáticas” ou “gramáticas transversais”.

Derivados dessas constatações estão todos os acidentes, desvios, transformações que serão desdobrados em hierarquias disciplinares, fragmentação de currículos, sumários e índices de obras fundacionais, grupos de trabalho de congressos e demais encontros científicos, divisão do trabalho entre os profissionais que atuam com OS e os infindáveis novos conceituais das teorias que compõem o discurso epistemológico do campo, todos estes, espectros encontrados fundamentalmente no século XIX, após a preparação do terreno nos cem anos anteriores.

Hoje encontramos uma discussão que, em diferentes discursos, ultrapassa a OS, indo ao encontro das políticas de informação (PI). Perceber esta movimentação é também apreender a atuação, muita das vezes, silenciosa, do discurso retórico-filológico na OS ao longo do tempo. González de Gómez (1996) chama a atenção para essa expressão da FOS relacionada à linguagem, como campo que abarca a representação e a transferência da informação. O produto que encontramos aqui é uma informação sobre a informação, que gera um insumo de conhecimento acerca do conhecimento, produzindo, por sua vez, o chamado “metaconhecimento”. Essa conceituação nos ajuda aqui a determinar o que trataremos como significado do uso da expressão “ciência da informação”, como mais adiante esclareceremos.

Cabe-nos, desde já, afirmar, como aponta a pesquisadora (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1996a), que procuramos nessa delimitação conceitual a ação dentro da comunidade científica e profissional de um indivíduo sobre um objeto, para além de uma razão técnica. Existe um indivíduo que se propôs historicamente a organizar os saberes humanos, a partir das possibilidades de fixação e de circulação deste – de onde, por vezes, se desdobram as grandes confusões no campo, que tomam o conhecimento como o artefato, ou o estudo da organização do artefato como antítese da OS.

A diferença desse campo, a CI, para os demais, no trato com a informação, está na preocupação com a elaboração de uma “metainformação”. O pedagogo, o historiador, o físico também “transferem” informação e “geram” conhecimento. No entanto, o organizador dos saberes está preocupado em desdobrar as possibilidades de preservação, representação e de transmissão desta “informação” do pedagogo, do historiador, do físico.

Por isto, o “domínio empírico” de nosso conhecimento não é “nem a informação nem o conhecimento, mas a informação da informação e o metaconhecimento que, articulando a informação acerca da informação, articula a informação ao conhecimento” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1996a, p. 59). Percebe-se, no fazer desse organizador e seu desenvolvimento metalinguístico, uma constituição do que passamos a reconhecer como “microgramáticas metadiscursivas”: catálogos, bibliografias, cadernos de indexação e resumos, classificações, tesouros. “Essa diferença constitui-se no plano da produção e articulação da metainformação com a informação, como condição do conhecimento e do metaconhecimento. O **diferencial** dos Estudos da Informação está no olhar essa metainformação como instância constitutiva da informação.” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1996a, p. 59, grifo nosso)

Essa construção discursiva, dependente e voltada para a matéria linguística, nos propõe um modo distinto de concepção da realidade, característico da OS, seja na Antiguidade, seja na contemporaneidade. Trata-se de um olhar simbólico sobre o homem, suas ações e a pretensa “natureza” que o cerca. Essa abordagem simbólica se estabelece na percepção do “poder” de transformação que está na linguagem, essa que, por sua vez, tem como “antepassado” epistemológico, quando iluminamos a OS em seu decurso histórico, uma certa experiência retórico-filológica.

3 UMA EXPERIÊNCIA RETÓRICO-FILOLÓGICA

Como lembra Auroux (1998), em todas as sociedades que vivenciaram os processos de sedentarização e de urbanização, é percebido o nascimento de quatro disciplinas estruturais, ou ciências locais, a saber, a Matemática, a Astronomia, o Direito e a Gramática. Essas

tradições nasceram fundadas na apreensão completa de uma forma de escrita. É neste contexto que surge o organizador dos saberes como um artífice distinto na paisagem da cidade – em nossa visão, acrescenta-se necessariamente aos domínios apontados por Auroux (1998) uma espécie de prática discursiva transversal, que permite não apenas que esses saberes sobrevivam internamente, mas que se comuniquem para sobreviver. Sua experiência relaciona-se com os processos de fixação da linguagem possibilitada pela gramática.

Essa experiência é gestada quando na estrutura cultural de uma gramatização que, por sua vez, é diretamente sucedida da especialização do conhecimento em saberes particulares, como a Matemática e o Direito, saberes os quais esse artífice terá como população para sua prática e para sua pesquisa. Nos interditos de cada saber isolado e nas rotas de intercâmbio entre todos os saberes é gestado paralelamente um “transaber”, que visa a orientação dos especialistas, como também um “ecsaber”, ou uma reflexão sobre como se expressar e se comunicar com os demais saberes. De um lado, a OS objetiva “realfabetizar” seus especialistas em sua própria linguagem; de outro, divulgar este saber para os não especialistas.

É justamente nos momentos de “gramatização” ou de “regramatização” que percebemos, de maneira mais clara, a distinção do organizador dos saberes como um artífice – um profissional, um pesquisador ou um técnico que se dedica a esta arte. Os “acontecimentos bibliológicos” dos séculos XIX e XX responderão diretamente por isto que percebemos como “regramatização”, a partir do pensamento de Auroux (1998): apropriação de uma razão gráfica sustentada pelo estabelecimento de regras de linguagem em uma geografia cultural, visando fixação, objetivação e conservação dos saberes desse território simbólico, posto que margeado por fronteiras flexíveis e intangíveis. A Biblioteconomia norte-americana (*Library Science*) e a Documentação otletiana (*Documentation*) têm aqui sua estrutura básica. Por sua vez, as transformações hoje ligadas à revolução digital são, conforme percebe Auroux (1998), uma revolução estruturalmente linguística, posto que diz respeito a um profundo e veloz processo de “regramatização”.

O percurso epistemológico visualizado pela análise filosófica teve, por isso, como palco central, o século XIX, tomado aqui como um elo que recupera os dois milênios de produção filosófico-bibliológica e aponta para os séculos seguintes. É nesse cenário que se apresenta a institucionalização científico-profissional-acadêmica da OS: no terreno acadêmico, aparecem as primeiras escolas de Biblioteconomia; no terreno profissional, aparecem as primeiras corporações de profissionais; no terreno científico, os primeiros instrumentos-conceitos de uma linguagem especializada no trato organizacional; no terreno epistemológico, os discursos iniciais, que recuperam práticas milenares e as manipulam como

conceitos que se candidatam a disciplinas acadêmicas, como Direitos Autorais, Preservação, Referência, Bibliografia, Comunicação científica, Catalogação, Classificação, Indexação. Naturalmente, o século XIX não inaugura os instrumentos bibliológicos, alguns deles já disponíveis na Antiguidade e desenvolvidos de forma mais dinâmica após a invenção da prensa. O que tratamos de correlacionar como “inaugural” é a tentativa de “cientifização” moderna destes instrumentos, práticas, reflexões, que se manifestam claramente neste século. É concomitante a esse desdobramento a grande movimentação na Retórica e na Filologia no oitocentos, saberes curiosamente dispersos por disciplinas das mais diversas áreas no século seguinte.

Por fim, é simultâneo a essa expressão que percebe um amplo olhar retórico-filológico sobre o conhecimento e a institucionalização da OS, o rápido avanço da filosofia da linguagem e sua demarcação na primeira metade do século XX como uma das principais vertentes de pensamento do mundo ocidental, como se as perguntas de Psamético no Egito tardio sob a origem da linguagem e dos povos mais antigos, fossem retomadas, com novos métodos, novos horizontes. Agora, antes de reconhecer uma linguagem original, o homem procura a linguagem ideal, passível de tradução comum para todos os povos.

3.1 DA RETÓRICA E DA FILOLOGIA: ELEMENTOS EPISTEMOLÓGICOS PARA COMPREENSÃO DA BIBLIOLOGIA

Retórica e Filologia colocam em foco a linguagem, onde discurso e documento imperam como categorias fundacionais. Cada campo, a seu modo, concebe uma reflexão e um método para investigar a ideia de linguagem. A Filologia, o amor aos discursos, à sabedoria, à palavra, poderá ser reconhecida como ciência da palavra e/ou estudo histórico da língua. Destas práticas desdobram-se o estudo das autoridades, dos falares, dos feitos dos povos. A existência, aqui, é reconhecida a partir do estudo das sociedades através de suas línguas, essas, depositadas em seus documentos – logo, também são esses objetos fundamentais de seu olhar.

No século XIX esse saber ganha em evidência, marcado, por exemplo, na experiência do pensamento de Friedrich Nietzsche, e diretamente envolvido com os rumos da filosofia em sua aproximação à linguagem. No entanto, o artífice da organização dos saberes, na Antiguidade, se confunde entre o bibliotecário e o filólogo. Esses fazeres formam um só personagem na constituição da OS, espírito que estará presente na fundação e no desdobrar do campo entre o oitocentos e o novecentos.

Quando Paul Otlet, em seu *Traité de Documentation*, já em 1934, atenta para uma filologia típica da organização dos saberes – a filologia bibliológica (OTLET, 1934, p. 28), está verificando, no conceito, a arquitetura histórica da experiência de uma “linguagem primitiva”. O mesmo pode ser observado na tentativa de construção da “linguagem ideal” em Melvil Dewey, mais de meio século antes, quando organização e estudo da linguagem parecem um só objeto, um jogo de linguagem fronteiro que leva à constituição de uma biblioteconomia norte-americana. Também a experiência de bibliotecários no trato da OS ao longo dos séculos pode ser observada, indo das práticas alexandrinas, como aquelas empregadas por Calímaco de Cirene, passando pela tradição medieval, como a experiência de Flávio M. A. Cassiodoro e Richard de Bury demonstram, até o período moderno, com Gabriel Naudé, culminando no século XIX, com Charles Ami Cutter – como exemplo próximo, encontramos a experiência de Capistrano de Abreu, primeiro bibliotecário concursado da Biblioteca Nacional brasileira, nos fins do oitocentos, que se destacaria no restabelecimento de textos de autores do país. (CASTRO, 2000)

Segundo Cunha (2004), podemos encontrar tanto na *República* como no *Fedro* de Platão (2008, 2000) a presença do termo filologia. De um lado, como adjetivo, ele estará ligado à ideia de admirador da palavra, que gosta de falar, bom falante – o que aproximaria diretamente discurso filológico e discurso retórico na Antiguidade; de outro, como substantivo, na acepção de amigo – *philia* – do raciocínio, da argumentação, bom locutor – o que completa a relação arcaica do filólogo com o retor.

Os termos “filólogo” e “filologia” aparecerão, pois, pela primeira vez em Platão, com o sentido aproximado de verboso, verbosidade, ou amigo do falar. Na *República*, pode-se encontrar a aproximação entre filólogo e filósofo, como uma possibilidade de sinônimo. Atentamos, desde já, para essa vizinhança semântica, pois se trata de um dos indícios que permitirão investigar a constituição do humano que se constrói no fazer informacional. Em §582e da *República*, Platão argumenta que “é forçoso que aquilo que elogiar quem for **amigo da sabedoria** e **amigo do raciocínio** seja verdade absoluta” (PLATÃO, 2008, grifo nosso). Cabe-nos ressaltar, como esse trabalho buscará demonstrar, que o filósofo da Academia realizará, ao longo de sua obra, uma distinção clara entre o dito “amigo do falar” e o filósofo, atingindo principalmente a construção da Retórica como saber distinto e crítico – na visão de Perelman (1994, 2004), essa forma de apreender a Retórica atravessará mais dois milênios. Essa distinção será de extrema relevância para perceber a retomada da reflexão retórico-filológica no século XIX, bem como a formalização da OS na epistemologia da Bibliologia.

Encontramos no *Sofista* a primeira tentativa explícita de compreensão da linguagem: segundo Auroux (1998), temos aqui o “Teorema de Platão”, segundo o qual as palavras devem ser categorizadas e suas possibilidades associativas dependem de sua pertença às diferentes categorias. Isto significa afirmar – e compreender – que “nomes totalmente isolados, enunciados de ponta a ponta, não produzem [...] jamais um discurso [...]” (AUROUX, 1998, p. 37). Mais tarde, o termo “filologia” se confundirá com o sentido de *doctus, eruditus e litteratus*. Na Antiguidade, seu nome, no entanto, era reconhecido – isto é, se confundia com – por Gramática ou Crítica. Neste contexto, a Filologia já possuía como objeto autônomo, ou seja, restabelecer textos em sua originalidade e autenticidade, e explicá-los no que diz respeito à sua forma e ao seu conteúdo.

Em outras palavras, cabia ao gramático ou crítico antigo – o futuro filólogo moderno – elaborar a edição de uma obra literária que foi transmitida pela tradição e possibilitar ferramentas para sua interpretação futura. Das primeiras edições da *Iliada* e da *Odisséia* ao longo da Antiguidade, essa Filologia percebe três fases distintas – o período pré-alexandrino, quando a *crítica* e a *gramática* estão imersas na Retórica e na Filosofia; o período alexandrino, que se destaca pela fundação da Biblioteca de Alexandria, quando encontramos uma valiosa linhagem de gramáticos, estabelecendo-se verdadeiros métodos filológicos e delineando a disciplina em sua autonomia, que percebe, por exemplo, o uso do progresso da arqueologia e de estudos comparados; e o período pós-alexandrino, período de produção dos escólios e léxicos mais antigos que possuímos. (SOUSA, 1966)

Em paralelo, e, por vezes, indistinguível da Filologia, acompanhamos o aparecimento e o desenvolvimento do ofício e do saber do retor. Para Joseph (2008, p. 27), a Retórica representa uma arte da linguagem que trata da “coisa-tal-como-ela-é-comunicada”. Em sua origem, essa arte apresenta o duplo persuasão-argumentação, recuperado pelo olhar de Perelman no século XX. Essa *tekhné* nasce na Sicília, por volta de 465 antes da era comum, após a expulsão dos tiranos e o início da democracia. Os cidadãos que tiveram os bens confiscados pelos tiranos reclamariam seus direitos após a guerra civil, gerando um amplo conjunto de solicitações de ordem legalista-territorial, o que estabelece uma origem judiciária, e não literária, para a Retórica. Para o mundo bibliológico, temos aqui o documental como realidade, natureza, substância.

Seriam Córax, discípulo do filósofo Empédocles, e seu próprio discípulo, Tísias, os autores da primeira arte retórica – ou *tekhné rhetoriké* – orientada para o desenho de preceitos práticos para que as pessoas recorressem à justiça. Viria também daqui a primeira definição da noção de retórica, ou seja, a arte dos retores como aquela “criadora de persuasão”. Logo se

estabelece a diferença entre a Retórica e a Filosofia, na travessia que leva a primeira, da Sicília, ao encontro da segunda, em Atenas. A arte retórica não se pautava pela verdade, como o porquê filosófico, mas pela/para a verossimilhança (*eikos*). (REBOUL, 2004)

Esse, o frutífero debate entre o saber filosófico e o saber retórico, torna-se foco e, por vezes, o fundamento da filosofia grega, multiplicada no Ocidente a partir de Sócrates e de Platão. A origem literária da arte retórica (de onde provém sua relação fundacional com a Filologia) está em Górgias, por volta de 485, atravessando a Atenas de Sócrates. Essa “outra” Retórica pautava-se, essencialmente, pela estética. O principal instrumento conceitual desenvolvido por Górgias será o “discurso epidíctico”, isto é, o elogio público – cuja relação com a comunicação científica moderna pode guardar mais semelhanças do que à primeira vista se apresenta.

É com Górgias que se inicia um movimento claro, tratado por sofístico, que quebra por completo com a tradição filosófica, propondo um novo olhar sobre o conhecimento. Aqui a retórica se envolve diretamente com uma de suas mais clássicas invenções: a educação. A palavra – o discurso – terá papel prioritário na ação do homem no mundo. Sua iluminação é a iluminação do humano em sua vivência. Deve-se aos sofistas o nascimento do conceito de gramática – fundamental para uma filosofia da linguagem no mundo moderno e para os estudos bibliológicos – e a noção de verdade como acordo provisório, consenso.

Segundo Cassin (2005), os sofistas representam um elemento necessário para a história da filosofia, na medida em que refutam a abstração vazia do eleatismo - doutrina oriunda de Eléia (Magna Grécia), entre os séculos VI e V a.C., que tem Parmênides como principal nome, e Zenão como um dos grandes discípulos, e fundamenta-se nas questões da imutabilidade, da unidade e da necessidade, influenciando tanto Platão quanto Aristóteles. (ABBAGNANO, 2000, p. 360-361). Górgias, Protágoras e outros sábios apresentaram à Grécia o mundo sensível, vivo, o que chamamos de pluralidade, diversidade. Os sofistas se voltariam para os *pragmata*, as coisas assim como elas se apresentam, colocando a *doxa* no lugar da *aletheia*. O sofista transforma – terapeuticamente – por meio de discursos, assim como o faz o médico com os remédios. A sofística, neste sentido, é também uma filosofia – e não uma “retórica” –, preponderantemente por ser uma espécie de poesia, por não separar filosofia e literatura –, que tem no estudo dos mecanismos da linguagem seu ato de reflexão e de criação. A ontologia é aqui tomada pela linguagem – o ser “ontológico” é também um efeito do falar, um jogo do discurso, um sofisma. Em outras palavras, ao invés de ontologia, tratamos de uma teoria do discurso, da logologia.

A Retórica que se apresenta no pensamento de Platão, no entanto, justifica-se como risco ao conhecimento, como grande falsidade. Só um caminho, aquele que busca a verdade – a *aletheia* –, poderia ser tratado como sintoma de conhecimento. A verossimilhança poderia, por sua multiplicidade, levar à imitação, afastando qualquer possibilidade de se chegar ao mundo inteligível. No diálogo *Górgias*, Platão explora o olhar socrático que vai em direção contrária ao pensamento sofista e critica a retórica e seus adeptos. A retórica é vista, neste contexto, como uma antítese do conhecimento, uma vez que trabalha com imagens, imitações da realidade, distanciando-se, deste modo, da verdade.

Com Aristóteles percebemos uma “retomada” da Retórica através de outro viés, o que nos possibilita diferentes pontos de vista sobre o sofista. A utilidade da arte do retor é reconhecida na *Retórica* do estagirita. O filósofo admite que existe uma importância fundamental para o homem nos aspectos persuasivos e pedagógicos da arte retórica em questão, que podem igualmente ser abordados como argumentativos. O uso danoso da Retórica não pode resultar em um reconhecimento pejorativo – qualquer saber pode ser utilizado de forma perigosa. Percebemos em Aristóteles uma “ciência” retórica – aqui não se deve observar que a função (significado) da Retórica é a persuasão, mas a crítica das situações em que a persuasão se dá. Menos poder de dominar e mais poder de defender, esta é a visão aristotélica de uma arte retórica. Aristóteles procura avaliar e defender o seu valor. (REBOUL, 1994)

Reconhecida tradicionalmente como arte de persuadir pelo discurso, o estudo da Retórica pode revelar muito mais do que esta primeira das primeiras panorâmicas. No fundamento de Cícero, podemos identificar os aspectos do *docere*, ou instruir/ensinar, o *delectare*, ou o agradar, e o *movere*, ou comover. Ao primeiro, caberia o lado argumentativo do discurso; ao segundo, o lado agradável, histriônico; ao terceiro, o lado “impactante”, aquele que impressiona. (REBOUL, 1994). A primeira observação que podemos detectar é compreender a Retórica, enquanto *episteme*, para além de arte, como uma epistemologia do discurso. A aproximação objetiva aos estudos contemporâneos da OS, poderíamos lembrar da *information literacy* como um jogo de linguagem que joga com o *docere* retórico, a ação cultural, como aquele que joga com o *delectare*, e o marketing informacional como aquele que joga com o *movere*. Desta maneira, de sua função tradicional, a persuasão, a retórica pode ser ampliada se tomada como uma metarreflexão sobre um objeto específico, o discurso

No contexto contemporâneo, acompanhamos uma retomada profunda de seu posicionamento enquanto saber nos últimos séculos. Enquanto percebemos em Lachmann (SPAGGIARI, PERUGI, 2004) o estabelecimento de novas possibilidades de pensar a

Filologia, uma das principais luzes está na construção da nova retórica em Chaim Perelman (1994, 2004). Em seu Tratado de Argumentação, o filósofo remonta a tensão entre Retórica e Filosofia, recolocando em debate o discurso, apresentando uma linhagem retórica que vai além da persuasão, também sendo uma ferramenta fundamental de argumentação. Também como na revigoração filológica, o século XIX guarda as sementes dessa evidência. O “discurso” é reafirmado como objeto pela Filosofia. E a Retórica ganha o impulso como um acidente em diferentes saberes especializados – Linguística, Direito, História, Psicologia, Documentação. É justamente no oitocentos que notamos um foco de discussão que reafirma os estudos retóricos como estratégicos para solucionar os problemas do século futuro.

Ainda nesse século, com Nietzsche encontramos um documento importante – talvez o principal no contexto – para a compreensão do período. Em seu Curso de Retórica, podemos apreender tanto o motivo filológico quanto a estrutura de uma reafirmação da força retórica – estendida em sua filosofia como uma expressão da força de poder do homem. A revisão nietzschiana da Retórica reconhece o “auge” da alma da Antiguidade naquilo que os homens de seu tempo desmerecerão: a arte retórica. Traduzida (também) como arte da eloquência, esta retórica tem o ofício de se estabelecer como um jogo de entendimento, não apenas força de dominação, visão que lhe legou a imagem de saber negativo ou menor. É também no século XIX que a Bibliologia se “candidata” à posto de *episteme*, principalmente a partir do trabalho de Gabriel Peignot. Estaria aqui a primeira tentativa epistemológica de demarcação de um campo da linguagem orientado para o que futuramente trataremos (primeira década do século XX) como organização do conhecimento.

3.2. Da Bibliologia no solo da Organização dos Saberes

A multiplicação das possibilidades de análise desta relação fronteira interna nos faz reconhecer a linguagem como um objeto fundante do campo, aquém do objeto – o instrumento, o registro. A relação entre OS e linguagem pode ser visualizada a partir de diferentes abordagens. No âmbito selecionado por nossa investigação, a filosofia, encontramos um movimento recente que requalifica o papel da linguagem no contexto informacional. Podemos destacar dois períodos históricos que nos permitem, inicialmente, demarcar esta relação: um período em que uma Bibliologia pode ser tomada apenas como arte, que tratamos como saber arcaico – a travessia da OS até o mundo moderno; um período em que uma Bibliologia é formalizada como ciência, que abordamos como epistemologia fundacional – a construção da Modernidade e, pontualmente, o século XIX.

A primeira etapa histórica, vastíssima, cobriria a Antiguidade e o Medievo, quando, guardadas as mais amplas variações, encontramos o organizador dos saberes como um filólogo-retórico que imprime em uma instituição, seu fazer que se emancipa como um saber particular ao longo de mais de um milênio. É essa emancipação que resulta nas formações modernas da OS, reconhecidas em uma linearidade tradicional sob os termos bibliologia / biblioteconomia / bibliografia / documentação / ciência da informação.

É interessante observar que este organizador remoto concebe visões de mundo, como a necessidade de preservação dos artefatos que transmitem as linguagens e construção de instrumentos de ordenação, como os catálogos, mas nunca dissociados de uma trama retórico-filológica. É oportuno perceber também que não só o campo em questão, mas tudo aquilo que tratamos por ciências humanas e sociais pode perceber o mesmo movimento em uma história antiga e medieval. O que queremos destacar é como, no solo epistemológico da OS, essa presença se dá não apenas como influência remota, mas como uma potência que permite o desenho conceitual e procedimental da vivência do organizador dos saberes contemporâneos. As atuais abordagens da CI, como a “neodocumentação”, podem nos esclarecer, de forma ainda mais objetiva, este conjunto de evidências – ou, apenas, semelhanças de família –, que permitiriam uma revisão da experiência do organizador dos saberes ontem e hoje.

Entre esse saber arcaico da OS e a epistemologia fundacional, moderna, encontramos uma fronteira fundamental antes do século XIX: o entreposto do Renascimento, tomado aqui como passagem do Medievo para a Modernidade, que atravessa o século XII até o XVI. O período do “renascimento prematuro”, ou “primeiro renascimento”, que cobre os séculos XII e XIII, é marcado pela tradução de Aristóteles e o aprofundamento nas questões da linguagem suscitadas pelo estagirita e por seu mestre, Platão. Segundo Burke (2003), o início das descobertas do novo mundo colocava a linguagem como ponto de inflexão, diante da variedade de novas línguas identificadas/estranhadas pelos viajantes. Simultaneamente, o desenvolvimento da Matemática suscitava a tentativa de construção de uma linguagem universal. Essas instâncias proporcionarão subsídios objetivos para a formalização moderna da OS como domínio científico. Para nossa reflexão, importa-nos lembrar que Retórica, Filologia e Bibliologia são saberes diretamente atingidos pelas transformações desse período.

Será na Europa da Renascença clássica, ou seja, entre os séculos XV e XVII, que aparecerá um instrumento linguístico que responde diretamente por uma “gramatização” ou por uma “regramatização” do mundo. O instrumento, o dicionário monolíngüe, que diferirá das listas de palavras, procurará separar a informação sobre a língua, objeto de sua mecânica, da informação enciclopédica sobre os seres do mundo. Sua função é absolutamente nova: não

visa novos conhecimentos nem o aprendizado de uma língua estrangeira, mas volta-se para os nativos que já comungam de um falar, ou seja, volta-se para uma “comunidade de especialistas”. As gramáticas e os dicionários modernos, resultados deste processo contínuo de “regramatização”, trazem-nos instrumentos para compreender e produzir enunciados em uma língua natural (AUROUX, 1998). A grande parte dos principais acontecimentos bibliológicos da OS, não de forma coincidente, desdobrar-se-á no contexto do Renascimento – entendido neste alargamento temporal como alguns historiadores preferem, abrangendo a “renovação filosófico-cultural” dos séculos XII e XIII e a “renovação artística” dos séculos seguintes –, quando Retórica e Filologia operam como instrumentos da grande gramatização do mundo. Podemos enumerar a invenção da prensa por Gutenberg (1490), o surgimento da lei do depósito legal, na França, em 1537, a publicação da *Bibliotheca Universalis*, de Conrad Gessner, em 1545, além do aparecimento das primeiras bibliotecas nacionais.

Segundo Mário Fuks (1992, p. 118), em linhas gerais, a “relatividade da verdade” que acompanha as ciências humanas está implícita em duas das principais áreas de estudo do humanismo no período renascentista: a Filologia e a Retórica. A Retórica repousa em uma linhagem teórica baseada na compreensão pelo diálogo. Esta disciplina era fundamental para a interpretação da realidade, constituindo um método que se sustentava na noção de que o homem é um “ser eminentemente histórico, sujeito a constantes mutações”. Assim, “no terreno daquilo que é temporal e mutável, não podemos operar com ciências demonstrativas, verdadeiras e certas para qualquer época, mas pelas opiniões, retóricas, variáveis e mutáveis” (FUKS, 1992, p. 127-128).

Essas são apenas ilustrações sucintas e parciais que demonstram como o pensamento bibliológico acompanha, cresce e se emancipa ao longo da longa virada da gramatização do mundo. Esses “eventos” guardam uma importância crucial para o que hoje tratamos como pelo neologismo “ciência da informação”. A expressão de seus conceitos e a aplicação dos mesmos no cotidiano do profissional tratado como “da informação” em nossos dias pode ser identificada nas primeiras obras e nas práticas do artífice da OS, diretamente influenciadas por uma tradição retórico-filológica. Na atualidade, esta influência parece ganhar ainda mais destaque, permitindo, de maneira mais clara, o emprego interpretativo de nossa relação com o objeto “linguagem”.

4 APONTAMOS PRELIMINARES DA REFLEXÃO FILOSÓFICA SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS SABERES

Ao contemplarmos a CI por uma fresta entre a Filologia e a Retórica, podemos identificar inúmeros conceitos fundamentais para o campo, dispersos entre saberes disciplinares, entre currículos e ementas, entre discursos breves e ainda em teorizações sobre o objeto “informação”. Estes emaranhados terminológicos, posicionados no tempo e lançados ao mundo contemporâneo a partir de um lastro do passado, permitem, em nossa linha de hipóteses, uma oficina conceitual tanto revisionista quanto original, ou, dito em outras palavras, um engenho de estratos conceituais que resume uma coleção recordada de “linguagens primitivas” de nosso campo, como a filosofia – e a prática do filosofar – em Wittgenstein (1979) nos propõe.

O desenvolvimento da OS que cresce em direção à constituição das políticas de informação pode ser observado na linha metodológico-conceitual aqui prevista na relação entre Retórica, Filologia e Bibliologia. Como lembra González de Gómez (1996a, p. 60), “à polissemia dos discursos e ao polimorfismo das mensagens – que dão existência social aos saberes – agrega-se a polifonia das organizações e dos empreendimentos que, agindo num plano diferenciado, disputam a interpretação pública do escopo, do alcance e da abrangência de uma área do saber”. Percebemos aqui a passagem clara dos métodos de observação e dos conceitos retórico-filológicos na composição e na linha de construção da OS. As regras – como em Wittgenstein (1979) procuraremos demonstrar – são ações lingüístico-sociais resultantes de práticas de convívio. Um catálogo é um exemplo de gênero textual tecido simbolicamente em um contexto cultural, no entorno da comunidade científica da CI.

Diante disso, os resultados do percurso evidenciaram as seguintes conclusões abaixo indicadas. A partir da investigação sobre a constituição, o desenvolvimento e a dispersão da Retórica e da Filologia como saberes remotos, em paralelo com a construção da Bibliologia no Ocidente. Procuramos identificar a experiência da OS como “saber moderno” – ou seja, projeto de uma cultura da modernidade –, oriundo da formalização de seus espaços de educação e de pensamento no século XIX, a partir da legitimação de instituições bibliológicas em uma sociedade democrática. Isto nos conduz à seguinte análises central e secundárias:

- Análise central:

O núcleo e as fronteiras da OS estão orientados pela estrutura filológico-retórica, que visa à constituição de “microgramáticas metadiscursivas”. Dessa maneira, quando apontamos, por exemplo, para uma troca disciplinar entre CI e Computação, ou CI e História, ou CI e

Educação, ou CI e Linguística, aquilo que é ofertado pela Computação, pela História, pela Educação e pela Linguística e cambiado com o que é oferecido pela CI, nada mais é do que o conjunto de aspectos retórico-filológicos da CI em interface com os pressupostos retórico-filológicos da Linguística, da História, da Educação e da Computação. Desse modo, a CI pode ser compreendida, tanto pela epistemologia tecida ao longo de sua história, como por sua construção epistêmica contemporânea, um campo que se desenvolve sob o jogo de lutas conceituais entre os antigos saberes da Filologia e da Retórica, não apenas se apresentando como uma das ciências da linguagem, mas produzindo conhecimentos para esse campo.

o Análises secundárias:

- a) Não é possível pensar a CI ontem – em seu movimento fundacional, ou seja, em sua reconstrução histórica – e hoje – em sua construção contemporânea e em suas perspectivas, sem reconhecer a presença de saberes retóricos e saberes filológicos como preponderantes em sua constituição. É importante notar que estes saberes estão em inúmeras disciplinas hoje. Um dos motivos é a filosofia da linguagem – as epistemologias, em geral, se aproximaram diretamente desta. O outro é a histórica relação entre tais domínios. Um terceiro motivo, que nos parece mais clarividente, é o próprio ofício do artífice da OS, ou do organizador dos saberes: ao longo de sua formação remota – Antiguidade e Medievo – como também no momento de sua institucionalização acadêmica – séculos XIX e XX –, os gestos de sua práxis têm apontado para um trato singular sobre a linguagem, que o difere do retor e do filólogo, como do comunicador e do analista de sistemas, e ao mesmo tempo o posiciona como coautor de um saber original sobre/para as ciências da linguagem.
- b) A CI é uma das ciências da linguagem, por sua história e por sua contribuição ao campo de estudo destas. Tratar a CI como uma ciência da linguagem, ao contrário daquilo que possa parecer, em um primeiro momento, não rotula e reduz as possibilidades de reconhecimento dos múltiplos polissaberes dispersos pela produção discursiva do campo predicado hoje como “da informação”. Ao contrário, percebemos que, ao tratar a OS – e, logo, a CI – como ciência da linguagem, permitimos a afirmação e a costura de sua construção histórica, seu desenvolvimento e suas perspectivas. Tratar a CI como ciência da linguagem é reconhecer as classificações de autores do campo como ciência social aplicada, com forte tendência humanista, mas também com profunda fundamentação tecnológica, face dupla que tentamos resolver neste trabalho a partir do conceito de “gramatização”. Blair (1992), percebe esta

aproximação, demonstrando a relação permanente entre FL e CI. Suas palavras são sintomáticas: “a recuperação da informação é fundamentalmente Linguística” (BLAIR, 1992, p. 200). No entanto, sua abordagem aproxima-se mais de uma afirmação da forma como o campo da linguagem tem ajudado a OS ao longo de sua formação histórica. Nossa interpretação procura ir além desta observação. Em nosso ponto de vista, a relação é mais complexa do que imaginamos, e a CI não se apresenta apenas como “importadora” de conceitos e de técnicas” das ciências da linguagem, mas também como “produtora/exportadora” de abordagens que são diretamente utilizadas pelos estudiosos das disciplinas. Em outras palavras, percebemos que há aqui um processo de intercâmbio tão silencioso e tão constante, que, por vezes, no tempo, estes profissionais se confundiram, sendo impossível delimitar a fronteira entre filólogo, retor e organizador dos saberes. Observação relevante neste ponto é lembrar o conjunto de trabalhos que encontramos tratando da influência das ciências da linguagem – principalmente, a Linguística – em nosso campo, ecoando o mesmo ponto de vista de Blair (1992).

- c) O conceito de “tecnologia” apropriado pela CI pode ser tomado a partir do conceito de *transgramatização*, no contexto dos estudos acerca das técnicas de preservação, circulação e intercâmbio da linguagem entre comunidades sob qualquer espécie de canal. Acreditamos que este conceito permite-nos pensar a noção de tecnologia a partir de um viés estruturalmente “informacional”, ou seja, do ponto de vista da OS hoje tratada como CI. Em outras palavras, há um significado de “tecnologia” que é comungado por físicos, outro, pelos cientistas da computação, como há aquele ressignificado pelos cientistas da informação. O trato deste com as “línguas” objetiva a constituição de microgramáticas, visando a multiplicidade de traduções possíveis entre conteúdo e comunidade discursiva – para usar o conceito de Hjørland & Albrechtsen (1995). Procuramos com isto propôr em nossa tese o seguinte desenho conceitual: as *transgramáticas* dizem respeito a microgramáticas metadiscursivas fundadas em um ponto central dentro da vivência de uma língua para sua superfície estrangeira, otimizando a comensurabilidade interna e potencializando a comensurabilidade com o mundo exterior. Como demonstra Joseph (1998, p. 27), a gramática representa a arte da linguagem que trata da “coisa-tal-como-ela-é-simbolizada”. Pelo prefixo latino *trans*, que vem significar o “através”, o “movimento para além de”, “posição além de”, buscamos construir a noção de uma teia de gramáticas que procuram, a partir de uma linguagem específica, emancipar esta

linguagem e construir elos entre esta e as demais linguagens existentes. A partir da noção de *transgramáticas*, podemos estabelecer “categorias de regramatização” fundadas no devir metainformacional do organizador dos saberes. A passagem fundamental no terreno epistemológico que encontramos neste sentido em nossa reflexão contemporânea seria o deslocamento das *transgramáticas* para as “políticas *transgramatizacionais*”, ou políticas simbólicas no cerne dos regimes de informação, conforme trata González de Gómez (1996).

- d) O atual movimento epistemológico presente na paisagem discursiva da CI, reconhecido como “neodocumentalismo”, esclarece nosso posicionamento no cerne dos estudos da linguagem, principalmente no que se refere à abordagem simbólica de construção da realidade. A retomada do pensamento de Paul Otlet (1934) e de Suzanne Briet (1951) realizada por autores como Bradford e Rayward, seguidos por Buckland, Frohmann, Day e Lund, dentre outros, revela, muito mais do que uma revisão histórico-conceitual, a possibilidade de identificação da força dos estudos da linguagem no âmbito da OS, bem como a fundamentação da relevância de noções como mimese, materialidade e simbolismo dentro dos saberes arcaicos e hodiernos do campo. Em nossa visão, mais do que isto, a revisão em curso, direta ou indiretamente, descortina o século XIX, a elaboração da Bibliologia como primeira tentativa de desenho epistemológico da OS e toda a carga de manifestação simbólica que está por trás do projeto otletiano pré-Documentação.

5 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Procuramos, apresentar o panorama geral de nosso estudo, renunciando, pela questão do escopo, parte das decisões metodológicas e dos esclarecimentos conceituais que refletem a infraestrutura de nosso léxico. Chamamos a atenção para a necessidade de focalização da linguagem como objeto-nuclear de estudo da CI não apenas em sua expressão contemporânea, demarcada pela “virada linguística”, presente, por exemplo, nos estudos de Capurro (2003), González de Gómez (1996b) e Rendón Rojas (1996), mas também em sua constituição como arte ao longo do tempo, e como saber científico institucionalizado a partir do século XIX.

A importância da Retórica e da Filologia para a constituição das ciências sociais e humanas é flagrante. Buscamos, aqui, indicar de forma concisa alguns elementos fundamentais da história e da epistemologia de ambas, visando atentar para a proximidade com as práticas e a reflexão sobre a OS, de modo a caracterizar as interfaces que

procuraremos demonstrar no desenvolvimento do estudo. Definimos ainda apresentar também neste passo nossas hipóteses e nossos objetivos, de forma a identificar o norte geral da pesquisa.

Assim como não percebemos que identificar a CI como uma das ciências da linguagem significa restringir seus limites, mas abri-los, reconhecemos também que essa é apenas uma visão da cartografia epistemológica da OS, não tendo por meta substituir outras aproximações e reflexões filosóficas de cunho epistêmico já apresentadas e discutidas, como a própria tentativa corrente de delimitar a CI como uma ciência social, estruturada na adoção de pensadores do campo sociológico. Essa abordagem igualmente é libertadora e esclarecedora para a OS. No entanto, a hipótese que lançamos à discussão procura demonstrar como no campo das ciências da linguagem podemos identificar elementos mais coerentes para iluminar o processo histórico da construção do conhecimento produzido na CI para a CI, e na CI para os demais ramos dos saber.

A noção de microgramáticas metadiscursivas foi apontada como o horizonte final de nossa investigação. Acreditamos que, a partir desta noção podemos sustentar nossa hipótese central. Destacamos a Filosofia da Linguagem como principal guia para um estudo de disciplinas devotadas ao objeto linguagem, e procuramos esclarecer um dos métodos específicos retirados desta corrente filosófica. Especificamente, recorreremos ao pensamento recente de Ludwig Wittgenstein e sua “apresentação panorâmica” para ir à busca de nossas hipóteses e exercitar nossos objetivos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AUROUX, S. *A Filosofia da linguagem*. Campinas: Unicamp, 1998.

BLAIR, D. C. Information retrieval and the philosophy of language. *The Computer Journal*, v. 35, n. 3, p. 200-207, 1992.

BRIET, S. *Qu'est-ce que la documentation?* Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Técnicas, 1951.

BURKE, P. *Uma História social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAPURRO, R. Epistemologia y ciencia de la información. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003a.

CASSIN, B. *O Efeito sofisticado*. São Paulo: ed. 34, 2005.

CASTRO, C. A. *História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica*. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

FUKS, M. Considerações a respeito do lugar das Humanidades na História da Ciência Moderna. *Dados – revista de ciências sociais*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 117-135, 1992.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Comentários ao artigo “Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia”. *Transinformação*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 44-56, set./dez. 1996a.

_____. Da organização dos saberes às políticas de informação. *INFORMARE – Cad. Prog. Pós-grad. Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 58-66, jul./dez. 1996b.

HJORLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 46, n. 6, p. 400-425, jul. 1995.

JOSEPH, M. *O Trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica: entendendo a natureza e a função da language*. São Paulo: É Realizações, 2008.

OTLET, P. *Traité de documentatation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.

PERELMAN, C. *Tratado de la argumentación: la nueva retórica*. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

_____. *Retóricas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PLATÃO. *Fedro ou Da Beleza*. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

_____. *A República*. 11. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

RENDÓN ROJAS, M. A. Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia. *Transinformação*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 17-31, set./dez. 1996.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUSA, E. Comentários. In: Aristóteles. *Poética*. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.

SPAGGIARI, B.; PERUGI, M. *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.